



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE GRAJAÚ  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS

FABIANA CRUZ CARVALHO

INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA, CLASSE E GÊNERO EM *PONCIÁ*  
*VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

GRAJAÚ-MA

2024

FABIANA CRUZ CARVALHO

INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA, CLASSE E GÊNERO EM *PONCIÁ*  
*VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciado em Ciências Humanas/Geografia, pela Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues

GRAJAÚ-MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Carvalho, Fabiana Cruz.

Interseccionalidade entre raça, classe e gênero em Ponciá  
Vicêncio, de Conceição Evaristo / Fabiana Cruz Carvalho.  
- 2024.

40 p.

Orientador(a): Ubiratane Moraes de Rodrigues.

Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade  
Federal do Maranhão, Grajaú-MA, 2024.

1. Conceição Evaristo. 2. Interseccionalidade. 3.  
Ponciá Vicêncio. I. Rodrigues, Ubiratane Moraes de. II.  
Título.

INTERSECCIONALIDADE ENTRE RAÇA, CLASSE E GÊNERO EM *PONCIÁ*  
*VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciado em Ciências Humanas/Geografia, pela Universidade Federal do Maranhão.

**Data de aprovação:** 21 de fevereiro de 2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ubiratane de Moraes Rodrigues (orientador)

---

Profª. Dra. Rosimary Gomes Rocha (UFMA)

---

Profª. Dra. Karina Almeida De Sousa (UFMA)

## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente, a Deus que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos.

Aos meus familiares que contribuíram para a realização deste trabalho, principalmente, minha mãe, Cleidiane Santos por todo o apoio e pela ajuda.

A meu esposo, Marcione Freitas, pela compreensão e incentivo durante este percurso, por ter suportado minhas constantes mudanças de humor e estresse.

A minha querida irmã e amiga, Mariana, que sempre me incentivou e me deu forças para continuar.

Ao professor Ubiratane, por ter me aceitado como orientanda e por ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

À instituição Universidade Federal do Maranhão, essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

A todos os colegas de turma que de alguma forma fizeram parte deste processo, principalmente minha colega Mariana Lima, e meu colega Adoan Oliveira.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como acadêmica.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso analisa a interseccionalidade entre raça, gênero e classe no contexto brasileiro pós-abolição, utilizando a obra *Ponciá Vicêncio* como referência de análise, de Conceição Evaristo. Através de uma análise da protagonista Ponciá, examinamos as lutas das mulheres negras, destacando a importância da obra da literatura negra brasileira de Evaristo para a formação do feminismo negro. A pesquisa visa compreender como as experiências da protagonista, Ponciá, refletem a complexidade das identidades femininas. Ao focar nas interseções de raça, gênero e classe, o artigo oferece uma perspectiva sobre as dinâmicas sociais presentes na narrativa. Ponciá se depara com questões recorrentes dos grupos negros: a busca pela identidade, o silenciamento, a subalternização, a opressão masculina, a violência doméstica, mas, em dado momento, também, a necessidade do retorno às origens. O objetivo é enriquecer o entendimento sobre as interações sociais exploradas por Conceição Evaristo em sua obra. O que nos pareceu um objeto de pesquisa ainda mais interessante por se tratar de uma mulher escritora negra que se torna uma das mais respeitadas de nosso tempo.

**Palavras-chave:** *Ponciá Vicêncio*, interseccionalidade, Conceição Evaristo

## ABSTRACT

This dissertation analyzes the intersectionality of race, gender and class in the post-abolition Brazilian context, using the work *Ponciá Vicêncio* as reference for analysis, by Conceição Evaristo. Through an analysis of the protagonist Ponciá, we examine the struggles of black women, highlighting the importance of Evaristo's work of black Brazilian literature for the formation of black feminism. The research aims to understand how the experiences of the protagonist, Ponciá, reflect the complexity

of female identities. By focusing on the intersections of race, gender, and class, the article offers a comprehensive perspective on the social dynamics present in the narrative. Ponciá is faced with recurring questions from black groups: the search for identity, silencing, subordination, male oppression, domestic violence, but, at a given moment, also the need to return to the origins. The objective is to enrich the understanding of social interactions explored by Conceição Evaristo in her work. Which seemed to us an even more interesting object of research because it is about a black woman writer who becomes one of the most respected of our time.

**Keywords:** *Ponciá Vicêncio*, intersectionality, Conceição Evaristo

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. CONCEIÇÃO EVARISTO: VIVÊNCIA E ESCRIVIVÊNCIA .....	9
3. RACISMO ESTRUTURAL.....	15
4. FEMINISMO E LITERATURA AFRO-BRASILEIRO/A .....	17
5. INTERSECCIONALIDADE DE CLASSE, RAÇA E GÊNERO EM PONCIÁ ....	22
VICÊNCIO.....	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32
REFERÊNCIAS: .....	35



## 1. INTRODUÇÃO

A literatura brasileira tem sido enriquecida por vozes diversas que desafiam estereótipos e questionam as estruturas sistêmicas de discriminação racial. Entre essas vozes, destaca-se a escritora, pesquisadora e ativista Conceição Evaristo, com suas obras que abordam questões da interseccionalidade de raça, classe e gênero no contexto brasileiro.

Nas páginas desta narrativa, examinaremos como Evaristo insere as experiências das mulheres negras em uma realidade étnico-social pós-abolição da escravatura, promovendo uma reflexão sobre a interseccionalidade de raça, gênero e classe que a mulher, principalmente a mulher negra está inserida, e comentar como a autora, conseqüentemente, contribui com o feminismo negro no Brasil, por meio da análise de sua obra, *Ponciá Vicêncio*.

*Ponciá Vicêncio*, publicado originalmente em 2003, é uma obra situada em um contexto histórico e social que relata o Brasil pós-abolição, em especial, os afro-brasileiros libertos. A obra de Evaristo proporciona uma análise da vida da protagonista Ponciá. Ao explorar os desafios enfrentados por uma mulher negra em busca de identidade e autonomia, Evaristo tece uma crítica perspicaz às estruturas que perpetuam o racismo.

O livro narra a história de Ponciá Vicêncio, uma mulher que migra do interior para a cidade grande, motivada por uma melhor qualidade de vida. Conhecemos sua vida desde a vila Vicêncio, onde nasceu, até sua jornada na cidade grande, mas enfrenta preconceitos e perda de sua identidade.

Ela vive em uma comunidade rural, trabalha com a mãe o com manuseio do barro, enquanto seu pai e seu irmão trabalham para senhores de terra. E desde o início da leitura, a protagonista vive um conflito sobre sua identidade. Além de Ponciá, nós acompanhamos também a trajetória da sua mãe, do seu pai, do seu irmão e do seu avô.

A discussão sobre a contribuição de Evaristo para o feminismo negro brasileiro tornase importante à medida que o movimento ganha força e visibilidade. O reconhecimento da interseccionalidade das opressões que as mulheres negras enfrentam, bem como a valorização de suas vozes e experiências, são pilares essenciais para a construção de uma sociedade justa e equitativa. Nesse contexto, *Ponciá Vicêncio* surge como uma obra que ecoa não apenas na literatura, mas também nas discussões contemporâneas sobre igualdade de gênero e antirracismo.

O presente trabalho tem como objetivos compreender como as experiências da protagonista, Ponciá, refletem as identidades femininas, examinando as lutas das mulheres

negras, destacando as interseções entre raça, classe e gênero, analisando a importância da obra na literatura negra brasileira e analisar as questões recorrentes dos grupos negros: a busca pela identidade, o silenciamento, a subalternidade, a opressão masculina e a violência doméstica.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho envolveu revisão literária, além do próprio livro *Ponciá Vicêncio* para contextualizar a obra de Conceição Evaristo no âmbito da interseccionalidade entre raça, classe e gênero, o feminismo negro e a literatura afrobrasileira, explorando também estudos críticos *sobre Ponciá Vicêncio*, tais como: Machado (2010); Duarte (2014); Pinto (2009); Ribeiro (2018); Almeida (2019) e Arruda (2019).

A escolha do tema é justificada pela necessidade de abordar as minhas experiências, e das mulheres ao meu redor, minha mãe, minha irmã, minha tia e outras tantas mulheres que têm o mesmo histórico de vida que eu, Ponciá e Conceição Evaristo, no quesito lutar por melhores condições de vida, na questão da migração e até da violência sofrida.

Ao optar por explorar a interseccionalidade, busca-se uma compreensão mais profunda das desigualdades e injustiças que afetam grupos marginalizados. A análise interseccional permite reconhecer que as experiências de discriminação e privilégio são moldadas por uma interação complexa de fatores, indo além de abordagens simplistas baseadas em uma única dimensão identitária.

Portanto, a escolha do tema da interseccionalidade não apenas enriquece a compreensão das dinâmicas sociais, mas também contribui para a construção de sociedades mais justas e igualitárias, reconhecendo as experiências que moldam a vida das pessoas.

Ao desentranhar os temas, personagens e a narrativa da obra, buscamos mostrar a riqueza e a complexidade das experiências das mulheres negras no Brasil, enquanto reconhecemos o papel de Evaristo na promoção de uma perspectiva feminista que considera as interseções vitais entre raça e gênero.

O trabalho foi estruturado em 6 tópicos. A primeira parte é esta introdução. A segunda parte traz a vida, obras e conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo. Na terceira há uma apresentação sobre o racismo estrutural e a sua contextualização. No quarto tópico, apresentamos os conceitos de feminismo negro e literatura negra e a importância de cada um. A quinta parte traz uma análise do romance e apresenta a personagem principal e a interseccionalidade entre raça, classe e gênero, por fim, apresentamos as nossas considerações finais.

## 2. CONCEIÇÃO EVARISTO: VIVÊNCIA E ESCREVIVÊNCIA

Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma escritora, poetisa e romancista brasileira, nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 29 de novembro de 1946. Era filha de dona Joana, uma lavadeira e passadeira que estimulou a escritora a estudar. Com outros oito filhos para criar, a mãe permitiu que a menina, com oito anos de idade, fosse morar na casa de um casal de tios.

Em entrevista concebida a Bárbara Machado em 2010, Conceição Evaristo comenta sobre sua origem humilde, em que a pobreza a obrigou a começar a trabalhar com apenas oito anos de idade. Apesar da vida difícil, ressalta a influência positiva que teve de suas duas mães: sua mãe biológica e sua tia, irmã mais velha da mãe, que a acolheu em casa por não ter filhos. As condições um pouco melhores na casa da tia permitiram que a menina pudesse estudar. Relata que sempre estudou em escola pública, o que não a impediu de ter um bom desempenho escolar.

A autora relata a Bárbara Machado (2010) que ao terminar o primário, em 1958, ganhou o primeiro prêmio de literatura, vencendo um concurso de redação com título: “Por que me orgulho de ser brasileira”. Com relação a boa redação o consenso era positivo entre os professores, entretanto, com relação ao prêmio, não estavam de acordo, pois segundo a escola, Evaristo não era uma aluna comportada. A autora revela que não teve uma imagem de aluna bem-comportada, pois se esperava dela uma passividade de menina negra e pobre, assim como de sua família, entretanto sua família não foi passiva, Evaristo conclui esse pensamento afirmando que sua família tinha consciência de sua condição de pessoas negras, pobres e faveladas.

Em 1971, terminou o curso de magistério ou Curso Normal. Mas só conseguiu emprego como professora, em 1973, após prestar concurso público, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Sua trajetória de vida influenciou significativamente sua produção literária. Ela enfrentou desafios econômicos e sociais, todavia, conseguiu superá-los e ingressar na universidade.

Graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense e é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996), com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e doutora em

Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2011) com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira e a do angolano Agostinho Neto.

Ela é uma das vozes mais importantes da literatura contemporânea brasileira, conhecida por suas obras que abordam questões de raça, gênero e classe social, que felizmente vem ganhando admiração, valorização nas editoras e entre os leitores.

A consciência racial e de classe de Conceição Evaristo se formou nas suas experiências no ambiente escolar e profissional, como ela cita na entrevista concebida a Bárbara Machado:

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no curso primário experimentei um ‘apartheid’ escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o curso primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. (Evaristo apud Machado, 2010, p. 245).

Percebe-se que o ambiente escolar segregava os estudantes com base na cor de pele e no nível social, como citado pela autora. É nesse contexto, que Conceição Evaristo compreende as desigualdades sistêmicas e sua posição na estrutura social, além da consciência de negritude. No contexto da experiência negra, essa consciência é aprofundada pela interseção com o racismo estrutural.

Negros e pobres tinham acesso limitado a oportunidades educacionais, enfrentando barreiras para ingressar em escolas, além disso, professores tratavam os alunos negros de maneira discriminatória, prejudicando seu desenvolvimento acadêmico e emocional.

A entrevistadora Barbara Machado (2010) aborda também a importância que as mulheres negras, como a mãe, as tias e a escritora Carolina Maria de Jesus com o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, obra que retrata a vida nas favelas e a pobreza urbana, oferecendo uma perspectiva sobre as dificuldades enfrentadas por mulheres negras e suas comunidades, influenciaram os romances de Conceição.

No âmbito político, Conceição iniciou ainda em Belo Horizonte, com o JOC, movimento de jovens trabalhadores que surgiu no contexto da Igreja Católica, visando promover a conscientização social e a participação ativa dos jovens operários nas questões trabalhistas e sociais.

Foi quando me inseri no movimento da JOC, (Juventude Operária Católica) que, como outros grupos católicos, promovia reflexões que visavam comprometer a Igreja com realidade brasileira. Entretanto, as questões étnicas só entrariam objetivamente em minhas discussões na década de 70, quando parti para o Rio de Janeiro. (Evaristo apud Machado, 2010, p. 250).

Com sua mudança para o Rio de Janeiro, Conceição adentrou nos movimentos políticos negros, na década de 1970, participou do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) e fez parte do grupo “Negricia: Poesia e Arte de Crioulo” e grupo *Quilombhoje*, que segundo Conceição é um ritual de passagem para os escritores negros que descreve a história da literatura brasileira, sua primeira publicação ocorreu nos *Cadernos Negros*, editados pelo grupo *Quilombhoje*.

A autora ganhou notoriedade com suas obras literárias e com o conceito de “escrevivência”, cunhado por ela mesma. Escrevivência é uma fusão das palavras “escrita” e “vivência” e reflete a ideia de que a experiência de vida, especialmente a experiência das mulheres negras no Brasil, contando histórias sobre suas vidas e experiências, não apenas para si mesmas, mas também para outras pessoas. É uma fonte legítima e rica para a expressão literária.

Conceição Evaristo em um depoimento realizado em julho de 2020, em um encontro virtual com a participação de Angela Dannemann, Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte e outros, denominado *A escrevivência e seus subtextos* comenta que escrevivência é pensar um fenômeno diaspórico, universal, tem como a imagem fundante do termo a figura da Mãe Preta, que vivia a condição de escravidão da casa grande, que tinha a função, forçada, de cuidar da família dos brancos, segundo a autora a escrevivência traz:

a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileiro de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada. Assim como é diferenciada a experiência de ser *brasileirovívida*, de uma forma diferenciada, por exemplo, da experiência de nacionalidade de sujeitos indígenas, ciganos, brancos etc. Mas, ao mesmo tempo, tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas. (Evaristo, 2020, p. 31).

Compreendemos assim, que a escrevivência é antes de tudo uma negação do lugar de passividade imposto à mulher negra, de contar realidades que não a pertencem. Conceição Evaristo fala também que constrói seus personagens humanos, buscando a humanidade do

sujeito em cada ação, personagens que experimentam as situações, como a pobreza, a cor da pele e a experiência de ser mulher ou homem.

Maria Nazareth Fonseca em seu texto *Escrevivência: sentido em construção (2020)*, comenta que o termo “escrevivência” vem sendo discutido por estudiosos e críticos da literatura afro-brasileira. As discussões ocorrem pela utilização do termo em artigos, dissertações e teses de doutorado. Entretanto, Conceição Evaristo comenta que não tinha intenção de criar um conceito, como ela afirma “Quando falei da escrevivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito. Eu venho trabalhando com esse termo desde 1995 - na minha dissertação de mestrado, várias vezes fiz um jogo com o vocabulário e as ideias de escre-ver, viver, se ver” (Evaristo, *Jornal Nexa apud* Fonseca, 2020, p. 59).

O termo ao longo das discussões, segundo a Maria Nazareth Fonseca (2020), significa a expressão de uma subjetividade feminina, podendo falar tanto do eu negro como do coletivo que assume as experiências femininas negras. O termo pode ser discutido com o auxílio de várias visões e percepções críticas que indagam a forma de escrever a memória do povo negro como elemento importante de uma história social do trabalho, nos espaços colonizadores, no sistema escravocrata.

Para Conceição Evaristo seu processo de escrita desenvolve narrativas que correspondem às experiências que ela teve e continua tendo como mulher negra no Brasil. Escrever, para ela, é criar um texto sobre uma experiência que pode ser pessoal e/ou coletiva, que trata da condição de mulher negra que a constitui, bem como da constituição de um grupo de pessoas.

A escrevivência é fundamentada no imaginário histórico na perspectiva das mulheres negras, desenvolvida juntamente às suas vivências na sociedade brasileira. Assim, afirma Evaristo em seu livro *Ponciá Vicêncio (2017, p. 07-08)*:

Veio-me a lembrança o doloroso processo de criação que enfrentei para contar a história de Ponciá. Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na confusão já me pediram autógrafa, me abordando carinhosamente de Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu.

Segundo o prefácio desta mesma edição de *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo afirma que a sua personagem era sua descendente, sua cria e, portanto, considerada uma parente muito próxima, de quem passou a gostar um pouco, devido a história de vida de ambas ser parecida, com migrações, sofrimento, busca por melhores condições e perdas.

A autora reflete sobre como a literatura afro-brasileira oferece um espaço para a elaboração de uma história e nas experiências negras em sociedades como a brasileira que são moldadas pelas práticas violentas da colonização. Dessa forma, Conceição Evaristo ilumina suas personagens, vidas e dilemas por meio de uma escrita que incorpora as experiências da autora e de outras mulheres.

Os personagens de Conceição Evaristo são muitas vezes complexos e podem ser compreendidos à luz das questões sociais, históricas, culturais e emocionais que os rodeiam. Dessa forma, o estudo da literatura de Conceição Evaristo remonta às reflexões sobre os legados da escravidão e da ancestralidade, bem como aos estudos de marcadores interseccionais envolvendo gênero, raça e classe.

A autora revela em sua escrita o contexto histórico pós-abolição da escravatura e as consequências desta para com os negros. Nesse sentido, a interseccionalidade é um elemento fundamental para pensarmos o feminismo afro-brasileiro. Entender como Evaristo a incorpora em diferentes obras contribui para uma compreensão mais rica das complexidades que envolvem as experiências das mulheres negras.

Segundo o website do Literafro – o portal da literatura afro-brasileira, promovido pelo curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Evaristo é uma participante ativa nos movimentos de valorização da cultura afro-brasileira, em 1990 estreou na literatura, publicando seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*, do grupo Quilombhoje. Suas publicações atingiram nível internacional, estão presente na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos.

Em 2003, publicou o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte. Com uma narrativa voltada a herança identitária que estabelece um diálogo entre passado e presente, entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginário. *Ponciá Vicêncio* teve boa acolhida de crítica e de público. O livro foi incluído nas listas de diversos vestibulares de universidades brasileiras e vem sendo objeto de artigos e dissertações acadêmicas.

Em 2006, Conceição Evaristo publicou seu segundo romance, *Becos da memória*, em que trata, com o mesmo realismo poético presente no livro anterior, do drama de uma comunidade favelada em processo de remoção. E, mais uma vez, o protagonismo da ação cabe à figura feminina símbolo de resistência, à pobreza e à discriminação. Centrado no drama dos moradores de uma favela prestes a ser demolida, a trama se desenvolve sob o olhar de uma menina de 13 anos, a narradora Maria-Nova, que vive todo o processo e se torna porta-voz das alegrias e sofrimentos dos demais. As histórias, tecidas sem linearidade, vão surgindo a partir

de um universo fraturado – a comunidade surpreendida pelo processo de remoção: “Dava a impressão de que nem eles sabiam direito porque estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez” (Evaristo p. 163).

Em 2007, o livro *Ponciá Vicêncio*, é traduzido para o inglês, nos Estados Unidos, pela Host Publications. Já sua poesia, até então restrita a antologias e à série *Cadernos Negros*, ganha maior visibilidade a partir da publicação. Em 2008, publica *Poemas de recordação e outros movimentos*, em que mantém sua linha de denúncia da condição social dos afrodescendentes, porém inscrita num tom de sensibilidade e ternura próprios de seu lirismo, que revela um minucioso trabalho com a linguagem poética.

Além de aparecer os motivos da diáspora negra, da autoria feminina e da construção da identidade negra como temas recorrentes. Em seu exercício de expressão, o lirismo dos poemas de Evaristo trabalha explicitamente no sentido de instaurar uma retórica da resistência, dando especial atenção ao desmantelamento dos estereótipos em torno do negro e da mulher (e mais especificamente, da mulher negra) no imaginário brasileiro.

Em 2011, Conceição Evaristo lançou o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, em que, mais uma vez, trabalha o universo das relações de gênero num contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo. Um livro de contos inspirado em entrevistas que a autora fez com mulheres negras. Narrado em primeira pessoa, a Conceição deixa fluir sua escrevivência marcando como essas mulheres conseguiram criar alternativas para superar alguns sofrimentos.

Em 2014, a escritora publica *Olhos D'água*, livro finalista, ficando em 3º lugar, do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas” no ano de 2015. É uma coletânea de contos que aborda temas associados às experiências do cotidiano de pessoas negras, especialmente as mulheres, sendo elas: mães, domésticas, idosas e/ou ex-prostitutas. Os contos abordam o racismo, bem como as imposições acerca da cor de pele e gênero dos personagens.

Já em 2016, lança mais um volume de ficção, *Histórias de leves enganos e parecenças*, traz doze contos e uma novela, em que o mágico e o maravilhoso se entranham nas narrativas. A invocação do sobrenatural remete à tradição oral, que através de relatos de antepassados, povoaram a imaginação da autora quando criança.

Em 2017, o Itaú Cultural de São Paulo realizou a Ocupação Conceição Evaristo (4 de maio e 18 de junho) que abordava a perspectiva da vida e da literatura da escritora. O projeto



reuniu uma série de conteúdos exclusivos, como entrevistas em vídeo com a própria Conceição, com parentes e amigos da autora e com pesquisadores de sua obra.

Em 2018, a escritora recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra. Recentemente Conceição Evaristo foi eleita a nova imortal da Academia Mineira de Letras, sucedendo Maria José de Queiroz na cadeira número 40. Foi eleita com 30 votos dos 34, a cadeira tem como patrono Visconde de Caeté.

Percebe-se como o racismo está inserido nas obras de Conceição Evaristo, em uma consciência de classe, raça e gênero, e exploram o cotidiano das pessoas, principalmente as negras, destacando as agressões, preconceitos e discriminações que elas enfrentam diariamente.

### **3. RACISMO ESTRUTURAL**

Silvio Almeida, em seu livro “Racismo Estrutural”, publicado em 2019, apresenta uma análise sobre o racismo, focando em como ele se manifesta na sociedade moderna. Ele argumenta que o racismo é uma estrutura que permeia todas as relações sociais, políticas, econômicas e jurídicas.

O racismo estrutural, segundo Silvio Almeida (2019, p. 19) é um fenômeno complexo e histórico que se desenvolveu ao longo de séculos em diversas sociedades ao redor do mundo. Para se compreender o racismo e suas nuances, se faz necessário entender o conceito de “raça”. A palavra “raça” tem uma origem complexa e evoluiu ao longo do tempo. Sua etimologia está relacionada à história do pensamento sobre a diversidade humana. No século XIX, o termo “raça” foi adotado e adaptado pela biologia e antropologia para descrever grupos humanos distintos com base em características físicas, como cor da pele, forma do crânio etc. Essa abordagem científica foi influenciada por ideias de hierarquia racial, usadas para justificar a escravidão e o colonialismo.

No contexto do desenvolvimento do racismo e da ideologia racial, o termo “raça” foi usado para classificar e hierarquizar grupos humanos com base em características percebidas como inatas e determinantes, como a cor da pele.

É importante notar que a ideia de “raça” como uma categoria biológica ou determinante da inteligência foi desacreditada ao longo do tempo. A compreensão contemporânea destaca a diversidade humana como resultado de uma interação complexa de fatores genéticos, ambientais e culturais. O uso do termo “raça” para descrever grupos humanos é agora frequentemente considerado problemático devido às suas implicações históricas e ao

reconhecimento de que as diferenças entre as pessoas são mais bem compreendidas em termos de cultura, genética e experiências individuais. Almeida afirma ainda que:

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (Almeida, 2019, p. 20).

Ele aponta que o colonialismo foi um projeto universalizante cujo objetivo era inserir os colonizados na modernidade e critica profundamente o legado do colonialismo. Abordando não apenas as consequências econômicas e políticas do colonialismo, mas também os impactos psicológicos e culturais duradouros.

O conceito de raça está ligado a dois aspectos: o primeiro é o biológico, que se referem as características físicas, como traços e cor da pele, além da identidade racial. Já o segundo é étnico-cultural, que se refere a características geográficas, ligada a cultura, religião, língua e costumes.

O autor de *Racismo estrutural* (2019, p. 24) destaca também três concepções de racismo:

Individualista: esta concepção vê o racismo como um comportamento individual, atribuído à irracionalidade ou a problemas pessoais. argumenta que essa visão é frágil, pois não considera as questões históricas. Ao contrário do racismo estrutural, que se concentra nas estruturas sociais, o racismo individualista está relacionado às atitudes e comportamentos discriminatórios de pessoas individualmente. Ele observa que muitas vezes o racismo é percebido apenas quando manifestado por meio de atos explícitos de discriminação, ignorando suas manifestações mais sutis e estruturais.

Institucional: aqui, o racismo é visto como um resultado do funcionamento das instituições, que organizam e mantêm privilégios baseados em raça. Esta concepção foca na relação entre o Estado e o racismo. O racismo institucional refere-se à maneira como as instituições, por meio de suas políticas e práticas, perpetuam desigualdades raciais. Ele destaca que as instituições muitas vezes reproduzem e reforçam padrões discriminatórios, mesmo que não haja intenções individuais explícitas de discriminação por parte dos agentes envolvidos. Isso pode ser observado em políticas de contratação, sistemas de justiça criminal, acesso à educação, entre outros.

Estrutural: esta concepção discute a relação entre o racismo e a economia. Almeida (2019, p. 26) argumenta que as instituições são racistas porque a sociedade é racista. Um fenômeno que vai além das atitudes individuais, argumentando que está incorporado nas

estruturas fundamentais da sociedade. O racismo estrutural refere-se à presença de padrões e práticas que perpetuam a desigualdade racial em diversas instituições, como educação, mercado de trabalho, sistema de justiça, entre outros. Essas estruturas tendem a favorecer grupos racialmente privilegiados, enquanto prejudicam grupos racialmente marginalizados.

Ele defende que o racismo é estrutural, ou seja, está presente na organização econômica e política da sociedade, dando sentido, lógica e tecnologia para a reprodução de mecanismos de desigualdade na vida social contemporânea. Ele também argumenta que a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e de racismo.

Silvio Almeida destaca a interconexão entre essas dimensões do racismo, argumentando que elas não atuam isoladamente, mas sim de maneira interdependente. Seu trabalho visa ampliar a compreensão do racismo além das manifestações individuais, enfatizando a importância de analisar as estruturas e instituições que perpetuam a desigualdade racial.

Diante disso, o racismo estrutural, presente na sociedade e nas obras de Evaristo é um fator que contribui para a luta negra, a fim de se construir uma sociedade democrática e justa. O feminismo negro no Brasil, entre outras coisas, se configura como movimento de resistência que busca desafiar as estruturas racistas e sexistas. Ele reconhece as lutas históricas das mulheres negras e contribui para a construção de uma narrativa de resistência e afirmação, sendo um movimento de luta sobre o racismo e suas desigualdades.

#### **4. FEMINISMO E LITERATURA AFRO-BRASILEIRO/A**

Feminismo, segundo Céli Regina Jardim Pinto em seu artigo *Feminismo, História e Poder* (2009, p. 15) é um movimento social e político que luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, buscando dessa forma a libertação de padrões patriarcais estabelecidos em nossa sociedade. O movimento feminista contribuiu nas organizações de lutas pautadas na emancipação da mulher, questionando sua condição subordinada, hierarquização dos sexos, discursos e práticas em torno da mulher, enfim, a luta pela conquista da cidadania plena.

O feminismo negro é uma vertente do movimento feminista que busca centralizar e explorar as experiências de mulheres negras. Ele surgiu como uma resposta à falta de representação das mulheres negras no feminismo hegemônico e no movimento negro.

De acordo com a escritora Regina Pinto (2009, p. 15) a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se

popularizou foi o direito ao voto. Período deste em que os povos adotaram cada vez mais a percepção que as mulheres são oprimidas numa sociedade centrada no homem, o patriarcado.

As primeiras manifestações desafiaram a ordem conservadora que excluía a mulher do mundo público e, propostas mais radicais que iam além da igualdade política, mas que abrangiam a emancipação feminina, pautando-se na relação de dominação masculina sobre a feminina em todos os aspectos da vida da mulher.

Já no Brasil, segundo Regina Pinto o feminismo primeiro se manifestou por meio da luta pelo voto, sendo liderado por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto:

No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto. A sufragetes brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. (Pinto, 2009, p. 16)

No livro *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018) a escritora, filósofa, feminista brasileira Djamila Ribeiro, vê o feminismo, especialmente o feminismo negro, como uma maneira de promover a democracia. Ela argumenta que o feminismo negro não é apenas uma luta por identidade, mas também um esforço para mudar espaços e instituições de maneira coletiva. Ela define o feminismo como uma luta por uma sociedade em que as mulheres possam ser consideradas pessoas. Ela acredita que o feminismo deve contemplar todas as mulheres e lutar contra todas as formas de opressão. Segue o relato dela:

O feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos. Hoje afirmo isso com muita tranquilidade, mas minha experiência de vida foi marcada pelo incômodo de uma incompreensão fundamental. Não que eu buscasse respostas para tudo. Na maior parte da minha infância e adolescência, não tinha consciência de mim. Não sabia por que sentia vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma pergunta já supondo que eu não saberia a resposta. Porque eu ficava isolada na hora do recreio. Porque os meninos diziam na minha cara que não queriam formar par com a “neguinha” na festa junina. Eu me sentia estranha e inadequada, e, na maioria das vezes, fazia as coisas no automático, me esforçando para não ser notada. (Ribeiro, 2018, p. 6).

Para a ativista Djamila Ribeiro, o feminismo não é apenas sobre a luta por direitos iguais, mas também sobre a transformação da sociedade para que todas as mulheres, independentemente de sua raça ou classe social, sejam reconhecidas e valorizadas. Ela também

destaca a importância do feminismo negro, que busca abordar as desigualdades específicas enfrentadas pelas mulheres negras. Em suas palavras, “Como negra, não quero mais ser objeto de estudo, e sim o sujeito da pesquisa” (Ribeiro, 2018, p. 55).

Ela acredita que o feminismo é uma ferramenta para lutar por uma sociedade onde as mulheres possam ser consideradas pessoas. Ela destaca que as mulheres negras, em particular, foram historicamente excluídas dos movimentos feministas dominantes, que muitas vezes eram liderados por mulheres brancas da elite. Portanto, para Ribeiro, pensar em feminismo negro é pensar em projetos democráticos que incluam todas as mulheres, independentemente de sua raça ou classe social.

Em síntese, para Djamila Ribeiro, o feminismo é uma maneira de promover a igualdade e a justiça social, o que está no cerne de qualquer projeto democrático.

Nesse contexto podemos entender que o movimento feminista brasileiro compreende a condição de ser mulher em nossa sociedade, surgindo como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher na vida política e econômica da sociedade, que luta por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, onde as mesmas tenham liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo, como também, a existência dos diferentes problemas que uma grande parcela da sociedade brasileira enfrenta.

Portanto, o feminismo negro é um movimento que enriquece a luta pelos direitos das mulheres, uma vez que dá voz a elas. Diante disso, uma maneira de expressar as experiências das mulheres negras, foi por meio de livros, contos, poemas e romances ou até mesmo diários.

Nesse sentido, Conceição Evaristo na sua dissertação de mestrado *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996) afirma que na diversidade da literatura brasileira, há a literatura negra ou afro-brasileira que tem sua própria vertente, sendo produzida pelas culturas representativas, uma parte da população conhecia como “minorias”: as mulheres, os negros, os índios, os homossexuais.

Evaristo (1996), ainda na sua dissertação afirma que a literatura negra é um espaço revelador da poesia afrodescendente, construtora, difusora e mantenedora da memória étnica, traz a apreensão de uma história oculta, pouco revelada na literatura brasileira. Afirma também que a literatura negra tem como objetivo criar um discurso onde o negro seja o próprio sujeito da história, busca consciente e politicamente a construção de um discurso que dê voz e vez ao negro como sujeito que se auto apresenta em sua escritura.

O pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2014) em seu artigo *Por um conceito de literatura afro-brasileira* declara que a literatura negra ajuda a resgatar a história do povo negro,

a diáspora brasileira, a denúncia da escravidão, reconstituir a memória de lutas dos que não se submeteram ao cativo. A temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou religião, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à oralidade.

É inegável que a afro-brasilidade, aplicada à produção literária enquanto requisito de autoria e marca de origem, configura-se como perturbador suplemento de sentido aposto ao conceito de literatura brasileira, sobretudo àquele que a coloca como “ramo” da portuguesa. Mas tão relevante quanto o “sujeito de enunciação próprio”, em que um eu lírico ou um narrador se autoproclama negro ou afrodescendente, é o ponto de vista adotado. (Duarte, 2014, p. 05).

O pesquisador Eduardo Duarte (2014) comenta que a literatura se constitui a partir do ponto de vista afrodescendente do autor ou autora. E ressalta que escritores como Conceição Evaristo, Cruz e Sousa, Lima Barreto e escritores atuais presentes nas publicações do Caderno Negros levam a literatura a memória coletiva e individual.

Aline Alves Arruda (2019), professora de Literatura Brasileira e autora do texto *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: Bildungsroman feminino e negro* declara que a literatura afrobrasileira é ainda um conceito em construção, no âmbito da crítica e da historiografia literária. E que para os autores afro-brasileiros serem reconhecidos pelos seus textos deve ter o resgate da cultura coletiva e social dos negros.

A historiadora Janaina Rodrigues Pitas (2022) em sua obra *A literatura afro-brasileira de autoria feminina como fonte histórica* alega que além da literatura negra ser um conceito em construção, ela abarca denúncias, afetos, afirmação identitária, subjetividades, tensões históricas e culturais.

Diante disso, é preciso analisar historicamente a perspectiva das mulheres, suas experiências e vivências, neste contexto da literatura afro-brasileira há nomes conceituados de mulheres negras que busca abordar as múltiplas formas de opressão enfrentadas pela minoria no Brasil, visando combater as desigualdades específicas que principalmente as mulheres afrodescendentes enfrentam.

Evaristo (1996) comenta que literatura negra é um espaço revelador da poesia afrodescendente, construtora, difusora e mantenedora da memória étnica, que traz a apreensão de uma história oculta, pouco revelada na literatura brasileira, ela tenta criar um discurso do negro como sujeito da história, sem se basear apenas na questão racial, mas na maneira como o escritor vai lidar com esse dado étnico que ele traz em si.

Comumente, ao falarmos de literatura, nomes de escritores masculinos vêm à mente, e as mulheres são esquecidas, as mulheres enfrentam obstáculos para conseguir espaço tanto social como politicamente na sociedade, no meio literário não seria diferente. Para não sofrerem preconceitos e leituras estereotipadas, as mulheres usavam pseudônimos masculinos. Por estarem sempre as sombras dos homens, eram “objetos” e não sujeitos do discurso. Segundo

Constância Lima Duarte (2003, p. 152-153), em sua obra *Feminismo e Literatura no Brasil*,

Quando começa o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua grande maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural. Urgia levantar a primeira bandeira, que não podia ser outro senão o direito básico de aprender a ler e a escrever (então reservado ao sexo masculino). A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas. E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever.

Assim, ao apropriar-se da arte da escrita, a mulher passa a representar/apresentar a figura feminina através do seu olhar, de acordo com suas vivências, produzindo suas próprias representações.

Encontrar mulheres negras no campo literário é dificultoso, este ainda é um meio dominado por homens. Para as mulheres trilharem esse caminho há percurso com muita luta e resistência. A presença da mulher na literatura brasileira sempre foi através de representações de escritores brancos, que faziam uso de discursos negativos que depreciavam a figura da mulher negra.

Segundo a historiadora Liliane Nogueira Monteiro (2016, p. 01) as mulheres negras quando “são representadas por esses escritores a maioria das vezes, são explorados temas como sedução, beleza, resistência física, pois as qualidades que são apresentadas sempre estão ligadas ao corpo da mulher, nunca é mencionado o que ela pensa, ou o que deseja.”

Ainda segundo Liliane Monteiro (2016), é através dessa inserção da mulher negra na escrita literária que se busca uma autoafirmação da identidade feminina negra. É nesta busca que surgem as vozes de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Mulheres como estas buscam através de suas escritas literárias, vencer as barreiras de gênero e de cor, que vão além de sexo frágil.

Entre as mulheres negras escritoras, Evaristo (2009), em sua dissertação destacou: Anajá Caetano, Maria Carolina de Jesus, Aline França e Maria Firmina dos Reis (1825-1917). Esta

escritora negra, maranhense, que é apontada como a primeira romancista brasileira, e teve o papel de ter produzido o primeiro romance feito por mulher, também a primeira obra de ficção a tratar sobre o tema do abolicionismo e de ter sido a primeira professora concursada no Maranhão, sendo nomeada como a “Pioneira Maranhense”.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977), mineira, escritora, compositora e poetisa brasileira, que ficou conhecida pela publicação de seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, em 1960. Este livro retrata uma realidade cruel e perversa que na época era pouca conhecida, a mesma pode ser considerada bastante atual, pois muitos dos fatos, nela relatados, persistem na sociedade.

No Brasil grande parte dos problemas enfrentados pelas mulheres negras ainda permanecem ocultos. A mulher negra em si, ainda permanece invisível aos olhos da sociedade. A partir da escrita feminina negra, percebe-se que estas mulheres estão, cada vez mais, traçando seu caminho na literatura brasileira. Mulheres como as que citadas acima e, também, outras que fazem parte da contemporaneidade, lutaram e continuam lutando para conquistar novos espaços na sociedade.

Ora, tendo apresentado esses três elementos fundamentais: racismo estrutural, feminismo negro e literatura negra, abordaremos então a obra *Ponciá Vicêncio*, portanto como as interseções de raça, gênero e classe influenciam as dinâmicas sociais e as experiências das personagens em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, e de que maneira essas representações oferecem clarezas sobre as complexidades das identidades no contexto brasileiro?

## **5. INTERSECCIONALIDADE DE CLASSE, RAÇA E GÊNERO EM PONCIÁ VICÊNCIO**

A obra diz respeito as constantes lutas de uma mulher negra contra os obstáculos impostos pela sociedade, seus medos e dilemas, sua herança e sua busca pela identidade.

No posfácio do livro *Ponciá Vicêncio*, Maria José Somerlate Barbosa (Evaristo 2017, p. 113) afirma que:

a história contada no romance de formação do mesmo nome, descreve os caminhos, as andanças, as marcas, os sonhos e os desencantos da protagonista. Conceição Evaristo traça a trajetória da personagem da infância à idade adulta, analisando seus afetos e desafetos e seu envolvimento com a família e os amigos. Discute a questão da identidade de Ponciá, centrada na herança identitária do avô, e estabelece um diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginado. Ponciá é uma pessoa que, como o avô, foi acumulando partidas e vazios até culminar numa grande ausência.



A história se passa em Minas Gerais, Brasil, e é centrada na vida da personagem-título, Ponciá Vicêncio. O livro não tem divisão entre capítulos ou atos, é uma narração contínua, porém em uma sequência não linear. Ponciá Vicêncio é uma mulher negra que cresce em uma comunidade rural pobre e enfrenta inúmeras adversidades ao longo de sua vida.

A obra em questão relata a vida de Ponciá Vicêncio, da infância a fase adulta. Ela nasceu na Vila Vicêncio, povoado formado por descendentes de escravizados.

Sua mãe, Maria Vicêncio, trabalhava com o artesanato de barro, arte manual que ensinou a sua filha Ponciá. Seu pai e seu irmão Luandi trabalhavam na lavoura da família Vicêncio, terra dos brancos, às vezes passaram meses sem retornar em sua casa, na Vila.

Ponciá era diferente desde a infância, principalmente pela semelhança física com o avô Vicêncio. Na época em que ele era escravizado, teve um momento de loucura e indignação com a escravidão. Acabou matando a esposa e tentou suicídio. Dessa tentativa de suicídio resultou um braço cotó. Ponciá imitava o avô desde pequena, apesar de ele ter falecido quando ela era uma criança de colo. Ela modelou um boneco de barro igual ao avô e todos se espantavam com isso, dizendo que ela “carregava a herança do avô”.

Com a perda do pai, Ponciá migrou para a cidade em busca de melhores condições de vida, sua partida foi repentina, já que ela tinha medo de não conseguir ir embora. Viajou de trem, e ao chegar na cidade, não tinha conhecidos e nem para onde ir, nos primeiros dias dormiu na porta de uma igreja, na busca por emprego, ela conseguiu um trabalho como doméstica. Com muito esforço conseguiu comprar um barraco para trazer sua mãe e irmão para morar todos juntos.

Seu irmão Luandi também migrou para a cidade, onde arrumou um emprego de faxineiro na delegacia, com a intervenção que teve do soldado Nestor, negro que conheceu ao chegar na cidade, ainda na estação do trem. Nestor serviu de inspiração para Luandi, que passou a desejar ser soldado.

A mãe, Maria Vicêncio, ao ficar sozinha na casa, na Vila, decidiu viajar pelas vilas vizinhas até chegar a hora de encontrar os filhos. Sem saber dos ocorridos, Ponciá volta à vila para buscar sua mãe e o seu irmão, mas não encontra ninguém. Encontrou o boneco de barro do avô, que ela tinha feito ainda criança, boneco este que era igual ao avô, com o braço cotó e meio carcunda, e tomou-o consigo de volta à cidade.

Nessa ida a Vila, Ponciá visita Nêngua Kainda, uma velha considerada sábia que guardava as tradições, Ponciá descobre que encontrará a mãe e o irmão, cumprindo a herança.

Tempos depois, Luandi também vai à vila e encontra a casa vazia, além da ausência do boneco, percebendo que sua irmã também passou por lá. Deixou seu endereço da cidade com Nêngua Kainda, caso alguém retornasse à vila.

Ao retornar à cidade, Ponciá juntou-se com um homem, ela o conheceu em uma obra civil ao lado da casa onde ela trabalhava. Inicialmente, o relacionamento era tranquilo, entretanto, com o tempo e as constantes mudanças de humor de Ponciá, ela passou a sofrer com agressões físicas. Todo o desgaste foi intensificado pela apatia que ela sentia por estar distante de seus familiares e ter sofrido 7 abortos.

Neste intervalo de tempo, Luandi aprende a ler e escrever ficando mais próximo de realizar seu sonho de ser soldado. Conheceu Bilisa, uma mulher negra, que veio para a cidade em busca de uma vida melhor. Ao ser roubada na casa onde trabalhava, passou a trabalhar como prostituta. Ainda assim, os dois se apaixonaram e fizeram planos. Contudo, ela foi assassinada por Negro Climério, interrompendo os planos do casal.

A mãe de volta à vila e encontra o endereço do filho com a velha sábia. Ela vai ao encontro dele na cidade grande e, ao chegar na estação de trem, encontrou o soldado Nestor. Entregou-lhe o bilhete com o endereço do filho e foi guiada até a delegacia onde estava Luandi. Na favela, Ponciá já delirava com saudades do barro e decide retornar à cidade natal. Na estação de trem, reencontra a família e retornam juntos para a Vila Vicêncio, onde Ponciá faz o cumprimento de sua herança ancestral, junto do rio, do arco-íris e do barro.

A comentarista Maria José Barbosa no posfácio de *Ponciá Vicêncio* explica que a obra discute a questão da identidade de Ponciá, centrada na herança identitária do avô, e há um diálogo entre presente e passado, entre lembrança e vivência, entre o real e o imaginário, ratifica que a protagonista é feita de partidas, vazios e ausência (Evaristo 2017, p. 113-114).

Uma das questões-chave do livro é a busca por uma herança cultural e espiritual que conecte Ponciá com suas raízes africanas e a ajude a construir uma identidade sólida em meio às dificuldades enfrentadas. Nesse sentido, a autora Maria Clara Lopes e o autor Yuri Belloube, no artigo *Loucura e ancestralidade em Ponciá Vicêncio* (2022) afirmam que há uma relação entre ancestralidade e memória, no livro, pois a ancestralidade é recuperada através da memória. No trecho do livro abaixo, a presença da mulher retoma aspectos ligados à crença da espiritualidade presente em religiões de matriz africana:

O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até ao chão. Ponciá Vicêncio ria. Tudo era tão bom. Um dia, nessa brincadeira, ela viu uma mulher alta, muito alta que chegava até o céu. Primeiro ela viu os pés da mulher, depois as pernas, que eram longas

e finas, depois o corpo, que era transparente e vazio. Sorriu para a mulher que lhe correspondeu o sorriso. (Evaristo, 2017, p. 14).

A identidade de Ponciá como mulher negra não se encerra em uma narrativa da escravidão ou das mazelas produzidas por esta catástrofe histórica. Seu passado está obviamente vinculado à memória cultural dos africanos escravizados e o romance traz as marcas desta memória nas referências que faz ao ciclo de opressão e exploração que caracteriza a vidas dos negros e negras da Vila Vicêncio.

Além disso, Lopes e Bulloube (2020) comentam que Ponciá carrega uma memória de seus ancestrais escravizados, como por exemplo, o sobrenome Vicêncio, trazido de outras gerações, uma vez que os africanos trazidos a força para a América herdavam o sobrenome de seus compradores. Portanto, o nome de Ponciá é herdeiro de sofrimento da escravidão de seus antepassados.

O romance explora a fundo as sucessivas perdas de Ponciá (a morte do avô, do pai, dos sete filhos, a separação da mãe e do irmão), penetrando no “apartar-se de si mesma”. Analisa tal fato como uma consequência de grandes abalos emocionais, de profundas ausências e vazios, mas também como o resultado de fatores sociais (extrema pobreza, desamparo e injustiças sociais) que levam a situações extremamente estressantes. A história se desenvolve com complexidade, mas sem atropelos. As imagens e as emoções nos são dadas na dosagem certa, sem exageros e sem mutilações narrativas. (Evaristo, 2017, p. 116).

Vale ressaltar que temas como a exploração presente na zona rural, a semiescravidão, a migração, o analfabetismo e a vida nas favelas são pertinentes na obra, *Ponciá Vicêncio*.

Ao descrever, por exemplo, o relacionamento de Ponciá com seu marido, o romance não procura encaixá-la como uma heroína trágica ou o marido como um vilão. Mesmo quando detalha o comportamento violento desse com Ponciá, em uma cena de espancamento, o texto busca enfatizar – sem, no entanto, querer justificar - que, assim como Ponciá, seu esposo também está preso a um contexto social de miséria e opressão que o embrutece. É, ainda, este mesmo homem que, mais tarde, consegue enxergar a solidão da companheira e a sua própria e enche-se de “uma ternura intensa por ela” (Evaristo, p. 111), sentimento que o acompanha até o final do romance.

Ponciá, desde jovem, demonstra um forte desejo de aprender a ler e escrever, buscando uma educação que transcenda as limitações sociais, do acesso restrito à educação para mulheres negras na época, permitindo sua autonomia intelectual. Essa busca por conhecimento é uma expressão de sua aspiração por uma identidade que vá além das expectativas sociais tradicionais

para mulheres negras naquela época. Assim a autora retrata: “Quando os padres partiram, depois de terem cumprido todos os seus ofícios, Ponciá logo percebeu que não podia ficar esperando por eles, para aumentar o seu saber. Foi avançando sozinha e pertinaz pelas folhas da cartilha. E em poucos meses já sabia ler” (Evaristo, 2017, p. 26).

A obra de Conceição Evaristo é marcante por dar voz e visibilidade às experiências das mulheres negras no Brasil, bem como por explorar as complexidades da identidade racial e cultural. *Ponciá Vicêncio* é uma reflexão profunda sobre a busca por identidade e pertencimento em uma sociedade que muitas vezes marginaliza e oprime aqueles que são racialmente discriminados.

Além disso, a escrita de Conceição Evaristo é elogiada por sua sensibilidade e habilidade em explorar a rica cultura afro-brasileira e a complexidade das relações familiares e sociais em um contexto de opressão racial. Vale ressaltar que a autorrepresentação em suas citações literárias:

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se da pena, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Criam então uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do outro como objeto a ser descrito para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (Evaristo, 2005, p. 54).

As mulheres estiveram colocadas numa posição social inferior aos homens. Consideradas como seres inferiores, de pouca inteligência e força física, estiveram sempre obrigadas, por convenções sociais de uma sociedade patriarcal, machista e sexista, a viverem, por muito tempo, reclusas aos afazeres domésticos, todavia, a luta feminista para mudar essa realidade é constante e atual.

O “ser mulher” representa o grupo mais numeroso na maioria das sociedades e a mulher articulou, de alguma forma, maneiras de resistir ao poder sociopolítico reconhecido e mantido pelos homens:

Confinadas por séculos no espaço da casa, onde reinavam quase que absolutas, enfeitando maridos e filhos com a máscara da perfeição, as dedicadas e abnegadas mães e esposas encontraram formas especiais e silenciosas de articular sua resistência, em murmúrios que se perdiam, muitas vezes, no coro forte dos homens que as sufocavam. Nem vítimas, nem algozes, acreditamos que as mulheres ao longo dos

anos foram tecendo modos de resistência a esta opressão masculina, formas de exercer um certo controle sobre suas vidas a despeito de uma situação social tão adversa. (Rocha-Coutinho *apud* Resende, Santos e Barbosa, 2021, p. 81).

A interseccionalidade aparece indiscutivelmente na obra em análise. Esse conceito sociológico, que estuda as interações nas vidas das “minorias”, para dá conta das diferentes formas de dominação ou de discriminação está no texto lido. É neste contexto que interseccionalidade, um conceito-chave para o feminismo negro, é apresentado. Segundo Crenshaw:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (Crenshaw *apud* Rodrigues p. 06).

A interseccionalidade originalmente dar significado à luta e experiência de mulheres, negras cujas especificidades não encontravam espaço de discussão seja no debate feminista, seja no debate antirracista. Segundo Carla Akotirene (2018, p. 31):

A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas. Trata-se de experiência radicalizada, de modo a requerer sairmos das caixinhas particulares que obstaculizam as lutas de modo global e vão servir às diretrizes heterogêneas do Ocidente, dando lugar à solidão política da mulher negra, pois que são grupos marcados pela sobreposição dinâmica identitária. É imprescindível, insisto, utilizar analiticamente todos os sentidos para compreendermos as mulheres negras e "mulheres de cor" na diversidade de gênero, sexualidade, classe, geografias corporificadas e marcações subjetivas.

A interseccionalidade reconhece que as opressões e desigualdades não são independentes, mas elas se entrelaçam entre si, afetando os indivíduos de várias formas. Então, não podem ser analisadas separadamente, já que moldam as experiências individuais e coletivas.

Em *Ponciá Vicêncio*, a protagonista, desde pequena sempre sonhou em casar e ter um marido para fazer suas vontades e ter filhos, “[...] quando era pequena, vivia sonhando com o dia em que grande teria um homem e filhos” (Evaristo, 2017, p. 47). Ela sempre presenciou em seu lar uma convivência matrimonial tranquila e harmoniosa entre seus pais e sonhara para si uma relação igual. Embora seu pai, fosse um homem reservado e, muitas vezes, sisudo, não era um homem agressivo e não maltratava Ponciá e nem a sua mãe e que, mesmo reclamando, acabava fazendo o que Maria Vicêncio sempre pedia: “Um dia também ela teria um homem

que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também” (Evaristo, 2017, p. 25).

Ponciá cresceu, porém, os dias alegres com que sonhara quando pequena não prosperaram. Seu marido tornou-se um homem calado como seu pai, contudo, era um homem violento que descarregava sob a forma de agressões dirigidas à protagonista as suas frustrações de homem provedor, caso não encontrasse trabalho ou dinheiro. Assim, com o passar dos anos, o corpo de Ponciá acabou por emudecer-se:

Um dia ele chegou cansado a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-lhe, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. [...] E desde esse dia, em que o homem lhe batera violentamente, ela se tornou quase muda. (Evaristo, 2017, p. 82-83).

É possível perceber a relação patriarcal que o esposo exerce sobre a protagonista, e a interseccionalidade de raça, classe e gênero por meio da violência física que ocorre inúmeras vezes, sem que Ponciá se defenda ou reaja. É no casamento que Ponciá para de sonhar com uma vida melhor e perde as expectativas de um futuro melhor, aceita o casamento fracassado. O matrimônio deveria ser uma troca de experiência e afeto, entretanto, transforma-se em uma relação de sofrimento e infelicidade.

O homem de Ponciá estava cansado, muito cansado. Sua roupa empoeirada, assim como o seu corpo, porejava pó. Ele e outros estavam pondo uma casa, antiga construção, abaixo. Tarefa difícil, cada hora era um que pegava na marreta e golpeava as paredes que resistiam. Ele se lembrava, a cada esforço, do barraco em que moravam e que flutuava ao vento. Ao ver a mulher tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele. [...] Ponciá Vicêncio interrompeu os pensamentos--lembranças, levantou endireitando as costas que ardiam pelo soco recebido do homem e foi vagarosamente arrumar a comida. Olhou para ele que havia se assentado na cama imunda e se sentiu mais ainda desgostosa da vida. O que ela estava fazendo ao lado daquele homem? Nem prazer os dois tinham mais. Lembrou-se, então, de quando viveu o prazer pela primeira vez. (Evaristo 2017, p. 19-23).

Atos violentos contra a mulher e especialmente contra a mulher negra foram atos normalizados ao longo do tempo e, infelizmente, ainda seguem sendo vistos com certa normalidade e com olhar de indiferença da justiça e, muitas vezes, naturalizados pela própria vítima, através da vitimização do homem violento, como foi visto no próprio romance deste estudo.

A submissão faz parte do cotidiano das mulheres, que parece ser “natural”, muitas delas não são conscientes dessa subordinação. Assim como Evaristo (2017, p. 47) relata: “Lá estava ela agora com seu homem, sem filhos e sem ter encontrado um modo de ser feliz. Talvez o erro nem fosse dele, fosse dela, somente dela.”

Ponciá, por ser uma mulher negra, pobre, favela sofre opressão entre raça, classe e gênero, do marido com as constantes violências, da sociedade com o emprego de doméstica. Ela sabia ler e tinha condições de um emprego melhor, porém sua condição racial e social não permitia uma oportunidade diferente para ela.

Outro fator importante em *Ponciá Vicêncio* é a maternidade da personagem. Ponciá sonhava em ser mãe, mas não conseguia criar os filhos, abortando-os seguidamente. Para a sociedade, a mulher que não reproduz, que é infértil, não tem serventia, já que não pode exercer a função da mulher, procriar.

Todavia, Ponciá indiferente a esses preceitos sociais machista/patriarcais, busca conforta-se dessas perdas, ao concluir que, ao seu lado, seus filhos não teriam uma boa vida e, além disso, temia que sua herança de choros e risos os perseguisse. Tal fato nos alerta para o estigma da escravização perseverando, desde muitas gerações, mesmo após seu suposto fim:

[...] o choro de fome ou frio de uma criança invadiu repentinamente os ouvidos de Ponciá. Lembrou-se dos sete filhos que tivera, todos mortos. Alguns viveram por um dia. Ela não sabia por que eles haviam morrido. Os cinco primeiro ela tivera em casa com a parteira Maria da Luz. A mulher chorava com ela a perda dos bebês os dois últimos ela tivera no hospital. [...] Depois dos sete, ela nunca mais engravidou.

(Evaristo, 2017, p. 45-46).

A identidade de Ponciá como mulher negra não se encerra em uma narrativa da escravidão ou das mazelas produzidas por esta catástrofe histórica. Seu passado está obviamente vinculado à memória cultural das/os africanas/os escravizadas/os e o romance traz as marcas desta memória nas referências que faz ao ciclo de opressão e exploração que caracteriza a vidas dos negros e negras da Vila Vicêncio, à insanidade do avô de Ponciá e às experiências que esta acaba vivenciando na cidade.

Evaristo afirma que suas obras são voltadas para mulheres negras escravizadas, como personagens principais, onde os brancos representam o espaço de poder, o mando, a voz e são descritos de forma discreta e invisíveis, já as negras são bem construídas e elaboradas em seus desafios, medos e temores.

No depoimento, já citado neste trabalho, *A escrivência e seus subtextos* realizado em julho de 2020, em um encontro virtual com a participação de Angela Dannemann, Constância

Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte e outros, Evaristo afirma que os brancos representam a personificação do poder, sendo eles os coronéis donos das terras ou as patroas das empregadas domésticas, relatando a prepotência, os desmandos, os privilégios do poder exercido pelas pessoas brancas sobre os não brancos (Evaristo, 2020, p. 28).

No decorrer do desenvolvimento do livro, percebem-se as constantes mudanças que a personagem Ponciá enfrenta com relação a ser mulher. Na infância Ponciá gostava de ser mulher e tinha medo de se transformar em homem (Evaristo, 2003, p. 13), entretanto, com os desafios da vida adulta e de casada, Ponciá reflete como a vida masculina é menos complicada. A problematização das relações de gênero, subalternidade perante o marido e a sociedade e da construção da identidade feminina, esse sofrimento pode ser atribuído a sua condição de ser mulher, pobre e negra.

A protagonista Ponciá não é a única personagem feminina retratada no livro, há outras mulheres cujo as experiências de vida compõem a trama central do romance. Sendo elas: Maria Vicêncio, a mãe da protagonista; Nêngua Kainda, sábia que aconselha os habitantes da Vila Vicêncio e Biliza, moça que Luandi, irmão de Ponciá se envolveu. Essas mulheres, diferentes entre si, relacionam-se na narrativa, por meio da intersecção de raça, classe e gênero, já que essas mulheres sofrem dominações, opressões e discriminação pela sociedade, por serem mulheres, negras e pobres. A interseccionalidade permite enxergar a inseparabilidade dessas estruturas e como essas opressões integram como juntamente para subalternizar as mulheres negras na sociedade.

Maria Vicêncio é representada como a matriarca da família, foi uma figura marcante na infância de Ponciá, com quem costumava modelar o barro, fazendo vasilhas, bacias, panelas, jarros e potes para a comercialização e preenchia a ausência do marido, havia entre a mãe e Ponciá uma comunicação que se estabelecia com o tempo e com a atividade de modelar. Vale ressaltar que a relação mãe e filha se estabeleceu por meio da oralidade e da tradição.

Maria Vicêncio é descrita como uma mulher forte, cujo jeito manso dominava seu marido e seu filho Luandi. Além de ceramista, Maria ensinou a filha a trabalhar e conhecer o barro. Ela e Ponciá ficavam a maior parte do tempo sozinhas na Vila Vicêncio, entretidas nos cuidados da casa e fazendo suas artes de barro. Maria Vicêncio não reclamava da ausência dos homens da família, era feliz desse jeito.

Nos tempos de roça de Ponciá, nos tempos de casa de pau a pique, de chão de barro batido, de bonecas de espigas de milho, de arco-íris feito cobra-coral bebendo água no rio, a menina gostava de ser mulher, era feliz. A mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivia entretida cantando com as suas vasilhinhas de barro. Quando ele chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que



deveria fazer quando regressasse lá para as terras dos brancos. O que deveria dizer para eles. O que deveria trazer da próxima vez que voltasse em casa. Enrolava as vasilhas de barro em folhas de bananeira e palhas secas, apontava as que eram para vender e estipulava o preço. As que eram para dar de presente, nomeava quem seria o dono. O pai às vezes discordava de tudo. Do que iria fazer naqueles dias de estada em casa, do preço estipulado para as peças e das pessoas que ganhariam os presentes. [...] O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher! Um dia também ela teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também. (Evaristo, 2017, p. 24-25).

Com a arte de ceramista, Maria Vicêncio e Ponciá garantiam seu sustento, não precisando dos homens da família para a sua subsistência, sendo uma mulher independente financeiramente. Entretanto, a mãe, por ser mulher não vendia suas peças sozinhas, o marido era encarregado de comercializar as peças. Aqui, notamos, a interseccionalidade entre raça, classe e gênero, a mulher, negra e pobre tem mais dificuldade de comercializar suas peças do que o homem negro.

Já Nêngua Kainda aparece no romance como uma figura de anciã, uma mulher já de idade, cheia de conhecimentos e experiências e aconselhavam a família de Ponciá e a Vila Vicêncio, sendo responsável por fazer previsões sobre o destino dos moradores. Nêngua Kainda é diretamente vinculada com a espiritualidade, a cultura africana, que tinha acesso a língua que só os mais velhos compreendiam. Além disso, Nêngua Kainda exerce sua função materna de modo coletivo, utilizando o poder ancestral feminino.

Ela é a grande conselheira quando Luandi, por exemplo, queria tornar-se soldado para ter voz de comando, Nêngua Kainda com sua sabedoria: “Ria ‘dizendo que o rapaz estava em um caminho que não era dele. Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho?’” (Evaristo, 2017, p. 81).

Deste modo, além de transmitir a cultura, a mulher mais velha também é uma provedora de conselho, pois é procurada pelos membros da tribo para ajudá-los em questões pessoais e familiares, conforme Evaristo (2017, p.81): “Nêngua Kainda falando a língua que só os mais velhos entendiam, abençoou Luandi. Falou que a mãe do rapaz estava viva e que eles se encontrariam um dia. Falou de Ponciá também”. A mulher mais velha possui sabedoria e experiência, e é capaz de oferecer orientação.

A jovem Biliza, personagem por quem o irmão de Ponciá se apaixona, é representada como uma prostituta, que preza por sua liberdade financeira e sexual que, desde tenra idade, trabalhou e ditou quem queria ou não em sua cama, lutando assim por sua liberdade de corpo e voz, mas que acaba sendo morta de maneira violenta.

Moça, Biliza se sabia ardente, deitara algumas vezes com os companheiros da roça alguns saíam mais e mais desejosos dos encontros com ela. Um dia enciumado, um homem chamou Biliza de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar de prazer. Eu sou. Puta é me esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou. E, agora, novamente era chamada de puta pela patroa, só porque contou de repente que o rapaz dormia com ela. Tinha a impressão de que a patroa sabia. Não, ela não devia ter gostado era do dinheiro. Biliza estava cansada. Tinha de começar tudo de novo. Não, não começaria mesmo! A cozinha, a arrumação da casa, o tanque, o ferro de passar roupa... Haveria de ganhar dinheiro mais rapidamente. (Evaristo, 2017, p. 84).

É importante ressaltar que, embora Biliza não visse as regras da sociedade como importantes para sua vida, ela via a vida na prostituição apenas como um meio rápido de conseguir dinheiro para poder ter sua casa. Biliza sofre discriminação e opressão pela sociedade por ser mulher, negra, pobre e foi necessário trabalhar como prostituta.

*Ponciá Vicêncio*, como romance, mesmo que de forma sutil, conscientiza sobre a importância as mulheres mais velhas que trazem consigo os ensinamentos e conselhos, ao relatar que a mulher tem livre escolha para escolher seus parceiros, como foi o caso de Biliza e ao contribuir para as interseções entre gênero e raça. A obra proporciona uma rica exploração das experiências das mulheres afro-brasileiras, contribuindo assim para a discussão e construção do papel feminista.

Portanto, a abordagem da autora ressalta a riqueza e complexidade das experiências das mulheres negras, particularmente através da maternidade e da sexualidade percebida como linhagem e resistência. Essa perspectiva contribui para uma compreensão mais holística das vidas das mulheres afro-brasileiras, desafiando estereótipos e destacando a força e a resiliência presentes em suas jornadas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou abordar as interações entre raça, gênero e classe social na obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, visando uma compreensão das complexidades das experiências das mulheres negras no Brasil ao empregar uma abordagem interseccional, procuramos compreender as nuances das lutas e triunfos vivenciados por Ponciá, e consequentemente, das mulheres negras.

A obra de Evaristo não apenas revela a condição das mulheres negras em uma sociedade organizada hierarquicamente segundo os fundamentos patriarcais e racistas, o romance também se insere na literatura brasileira como mais uma voz que fala a partir da história afro-brasileira,

abordando as lutas identitárias e de resistências das mulheres negras que, por muito tempo, foram marginalizadas e silenciadas.

A pesquisa evidencia a importância deste romance dentro do cenário da literatura afrobrasileira como uma narrativa que desloca os conceitos mais rígidos sobre a “experiência feminina” ao trazer um sujeito feminino compreendido em contexto organizado por mecanismos de opressão racistas e sexistas.

Ao falar sobre o processo de criação de seu romance a partir da memória afro-brasileira, Conceição Evaristo, em entrevista ao jornal Estado de Minas (2004), posiciona-se da seguinte forma, confirmando o que dissemos até aqui:

É criar a partir de uma realidade que conheço antes de tudo por vivência. É elaborar uma ficção talvez como forma de exorcizar a realidade. Não estou escrevendo sobre a condição dos afro-brasileiros, mas sim com um corpo, com uma identidade negra. Vivendo as possibilidades e as limitações que esta condição me impõe dentro da sociedade brasileira. Escrever nesse caso pode ser muitas vezes deixar fluir o recalcado, o silenciado pela História. Pode ser uma contraescrita àquilo que é estereotipado pela literatura quando se trata de representar o negro. Uma ficção literária a partir do universo negro pode revelar a fragilidade das relações raciais no Brasil. (Evaristo apud Estado de Minas, 2004, p. 4).

Exploramos como Evaristo desafia estereótipos, revela as interseções entre raça e gênero, e reivindica um espaço para as vozes negligenciadas da diáspora africana no Brasil. "Ponciá Vicêncio" não é apenas uma obra literária notável; é um manifesto do feminismo negro, provocando uma reflexão crítica sobre as estruturas que perpetuam o racismo e o sexismo em nossa sociedade.

Com base do silenciamento das vozes femininas negras na historiografia literária nacional, a obra de Evaristo amplia a possibilidade de ouvir a história nacional contada e representada, através da ficção literária, sob a perspectiva destes sujeitos que foram, até hoje, pouco escutados.

A relevância contemporânea do trabalho de Evaristo se destaca no feminismo negro, desafiando paradigmas e exigindo uma reconfiguração das narrativas dominantes. Suas contribuições vão além das páginas de um romance; elas reverberam nas conversas mais amplas sobre igualdade, justiça e representação.

Entende-se, portanto, que o romance *Ponciá Vicêncio* traz, em sua estrutura e em sua força simbólica, os elementos que propiciam a afirmação de um sujeito feminino negro a partir de um discurso próprio, desafiando os estereótipos normalmente atribuídos à mulher negra. A busca identitária que marca a trajetória da protagonista no romance certamente abre um leque

de possibilidades para a articulação e elaboração de estratégias de subjetivação, dando início a novos signos de identidade e novas formas de representação que, simultaneamente, formam e deformam nossas definições de sociedade, nacionalidade, tradição e modernidade.

Ao finalizar este trabalho, reconheço que a obra de Conceição Evaristo não apenas acrescenta ao cenário literário brasileiro a interseccionalidade de classe, raça e gênero, mas também fornece uma base para a expansão do feminismo negro.

*Ponciá Vicêncio* não é apenas um livro, é um chamado à ação. Um chamado para dismantelar as estruturas que marginalizam as mulheres negras, reconhecer sua resiliência e capacidade de transformação, e construir um futuro em que a igualdade de gênero e racial seja uma realidade inegociável. O feminismo negro brasileiro encontra em Evaristo uma inspiração duradoura para as gerações presentes e futuras.

## REFERÊNCIAS:

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento:Justificando, 2018. Disponível em: <//  
<https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/11114>. Acesso em: 06 de fev. 2024

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. Disponível online em:<://<https://edisciplinas.usp.br/>> Acesso em: 17 de ago. de 2023

ARAÚJO, Flávia Santos de. **Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. João Pessoa, 2007. Disponível em:  
 <//<http://www.dominiopublico.gov.br/> //> Acesso em: 11 de dez. de 2023

ARRUDA, Aline Alves. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro**. Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <  
 //<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-62138/poncia-vicencio-de-conceicao-evaristo--um-bildungsroman-feminino-e-negroegro> (livrosgratis.com.br)/> Acesso em: 11 de dez. de 2023

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à autorepresentação da mulher negra na literatura brasileira**. Revista Palmares, 2005. Disponível online em:<https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>> Acesso em 10 de dez de 2023.

———. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte:

Nandyala, 2008. Disponível em

<//[https://www.bing.com/search?pglt=41&q=Poemas+da+recorda%C3%A7%C3%A3o+e+outros+movimentos.+Belo+Horizonte%3A+Nandyala%2C+2008.&cvid=8906660a1e1a4f6aa22fb657df85a53d&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCDExMzIqMGoxqAIAAsAIA&FORM=ANNTA1&PC=SCOOBE](https://www.bing.com/search?pglt=41&q=Poemas+da+recorda%C3%A7%C3%A3o+e+outros+movimentos.+Belo+Horizonte%3A+Nandyala%2C+2008.&cvid=8906660a1e1a4f6aa22fb657df85a53d&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOdIBCDExMzIqMGoxqAIAAsAIA&FORM=ANNTA1&PC=SCOOBE)> Acesso em: 10 de dez. de 2023

———. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

———. **Ana Davenga**. Cadernos Negros, São Paulo, v. 18, 1995.

———. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

———. In: COLÓQUIO DE ESCRITORAS MINEIRAS, 1, 2009, Belo Horizonte. ———

———. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/267423926\\_Literatura\\_negra\\_uma\\_poetica\\_de\\_nossa\\_afro-brasilidade](https://www.researchgate.net/publication/267423926_Literatura_negra_uma_poetica_de_nossa_afro-brasilidade) //> Acesso em: 16 de jan. de 2024

———. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. 72 p. (Coleção Vozes da Diáspora Negra, v. I). Resenha de: ALÓS, Anselmo Peres. O lirismo dissonante de uma afro-brasileira. **Revista Estudos Feministas** v.19 n.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011.

———. **Insubmissas Lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

———. **Olhos d'água**. 2. ed. -- Rio de Janeiro, RJ :Pallas Míni, 2018

———. **Depoimento. A escrevivência e seus subtextos**. Encontro virtual. 255 de julho de 2020. Disponível em:

<https://www.bing.com/search?q=A+escreviv%C3%Aancia+e+seus+subtextos.+&qs=n&form=QBRE&sp=->

[1&lq=0&pq=a+escreviv%C3%Aancia+e+seus+subtextos.+&sc=235&sk=&cvid=48EC875DEAE94415819CBB3777A370FA&ghsh=0&ghacc=0&ghpl=](https://www.bing.com/search?q=A+escreviv%C3%Aancia+e+seus+subtextos.+&sc=235&sk=&cvid=48EC875DEAE94415819CBB3777A370FA&ghsh=0&ghacc=0&ghpl=)

Acesso em: 11 de dez 2023

———. **Depoimento**, proferido no V colóquio Mulheres em Letras, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, no dia 20 de abril de 2013. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=heHftI429U4>. Acesso em 24 jan. 2024.

DIAS, P. E.A. **O protagonismo feminino em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: o sujeito feminino como reflexo de resistência**. In: I Seminário Nacional do Grupo de Estudos de Literatura e Crítica Contemporâneas, 2023, Campina Grande. Anais do I Seminário Nacional do Grupo de Estudos de Literatura e Crítica Contemporâneas. Campina Grande: Realize Editora, 2022. v. 1.

DUARTE, Constância Lima Duarte. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados, 17(49), 151-172. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>. Acesso em: 20 de nov. 2023

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Revista Terceira Margem, v. 14, n. 23, 2010. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricosconceituais/Artigoeduardo2conceitodeliteratura.pdf>.//> Acesso em: 20 de dez. 2023

———. Eduardo de Assis. **O bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. Revista *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 305-308, jan./abr. 2006. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100017>.//> Acesso em: 20 de dez. 2023

LITERAFRO. **Conceição Evaristo**. Literafro – o portal da literatura afro-brasileira, 2020. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicaoovaristo>.> Acesso em: 24 jan. 2024

LIMA, Maria de Paula da S. **Autorrepresentação da mulher negra no romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo.** Revista observatório de la economia latino-americana. Curitiba, v.21, n.55, p.2671-2671.2023. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/371236088\\_A\\_autorrepresentacao\\_da\\_mulher\\_negra\\_no\\_romance\\_Poncia\\_Vicencio\\_de\\_Conceicao\\_Evaristo](https://www.researchgate.net/publication/371236088_A_autorrepresentacao_da_mulher_negra_no_romance_Poncia_Vicencio_de_Conceicao_Evaristo). Acesso em: 10 de dez. de 2023

MACHADO, Bárbara Machado. **“Escre(vivência)” a trajetória de Conceição Evaristo.** História oral, v. 17, n. 1. P. 243-265, jan/jun. 2014. Recuperado de:

<http://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/343> Acesso: em 20 de set. 2023

MONTEIRO, Liliane Nogueira. **A representação da mulher negra na literatura brasileira.** Revistas. UFAC. 2016. Disponível em:

<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/simposiufac/article/download/1010/592>. Acesso em: 16 de janeiro de 2024

PITAS, Janaina Rodrigues. **A literatura afro-brasileira de autoria feminina como fonte histórica.** Revista TEL, Irati, v. 13, n.2, p. 13-34, jul./dez. 2022. Disponível em:

<https://www.semanticscholar.org/paper/A-literatura-afro-brasileira-de-autoria-feminina-Pitas/8d953d0d36fe95ade83377efaf43112ba3456f37> Acesso em: 20 de set. 2023

PINTO, Céli Regina Jardim. **FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER.** Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010 Disponível em

<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNcSBf5r/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 06 de jan. 2024

RESENDE, Joelma de Araújo Silva. SANTOS, Raimunda Maria dos. BARBOSA, Wilson Ferreira. **Identidade feminina em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo.** Revista Desenredos, Teresina, ano XII, n. 36. Disponível em: [esenredos.com.br/wp-content/uploads/2022/11/36-artigo-Joelma-Araujo-Raimunda-Santos-Wilson-Ferreira.pdf](https://esenredos.com.br/wp-content/uploads/2022/11/36-artigo-Joelma-Araujo-Raimunda-Santos-Wilson-Ferreira.pdf) Acesso em: 06 de nov. 2023

RIBEIRO, Djamilla. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia de letras, 2018. Disponível em: <https://zlib.pub/book/quem-tem-medo-do-feminismonegro-3pov65ij4ncg> Acesso em: 14 de jan. 2024

RODRIGUES, Cristiano. **Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X. Disponível em: <//

<https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/> Acesso em: 10 de fev. 2024

SBT News. **Conceição Evaristo é primeira autora negra a ser imortalizada pela Academia Mineira de Letras - SBT News.**

<https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/brasil/conceicao-evaristo-e-primeira-autora-negra-a-serimortalizada-pela-academia-mineira-de-lettras>